

Atos de 8 de janeiro são tema de documentário

PÁGINA 3



Animações em alta para o ano que se inicia

PÁGINA 5



Fabiana Cozza reverencia Nei Lopes em álbum

PÁGINA 7



2º CADERNO

Divulgação/ Apple TV+

Godzilla VS Kurt Russell



Série do Apple TV+ explora o passado do Godzilla e da Monarch, a organização por trás do 'Monsterverse'

Por Pedro Sobreiro

Em exibição desde dezembro de 2023, a série 'Monarch – Legado de Monstros' vem conquistando os fãs do chamado 'Monsterverse' da produtora 'Legendary', ao lançar episódios semanais no streaming Apple TV+. Já em sua reta final, a produção é ambientada no universo do Godzilla, iniciado em 2014 e que agora se prepara para um novo capítulo em 2024, com Godzilla e Kong: O Novo Império. A trama se passa entre a década de 1950 e o ano de 2015, quando o mundo ainda vive as consequências do ataque do Rei dos Monstros à Los Angeles.

Ao longo das semanas, o público aprende um pouco mais sobre as origens da 'Monarch', a organização secreta responsável por monitorar e estudar os monstros gigantes, enquanto observa como o mundo precisou se adaptar a essas criaturas podendo atacar a cidade novamente.

O elo entre passado e 'futuro' é um personagem conhecido como Lee Shaw. Membro fundador da 'Monarch', ele é interpretado na versão de 2015 pelo sempre espetacular Kurt Russell, que dispensa apresentações, e a versão dos anos 50 é vivida pelo filho de Kurt, Wyatt Russell, cuja carreira ainda está em fase de maturação, mas já encabeçou projetos interessantes até agora, como o filme 'Operação Overlord' (2018) e a série 'Falcão e o Soldado

Em 'Monarch – Legado de Monstros', que termina na próxima sexta (12), Kurt Russell e Wyatt Russell interpretam um soldado que atravessou décadas atrás do Rei dos Monstros

Invernal' (2021). Em dezembro do ano passado, durante coletiva concedida na Comic Con Experience, eles falaram um pouco mais sobre essa chance de trabalharem juntos.

"Nós tivemos oportunidades anteriores de trabalhar em personagens como pai e filho, mas nunca nos sentimos atraídos de verdade pelas ideias. Porém, quando veio a

proposta de Monarch, nós pudemos conversar com Chris Black e Matt Fraction [os produtores da série] para construirmos juntos esses personagens. E quando você tem uma chance de trabalhar com um personagem tão icônico quanto o Godzilla, em uma produção cancelada pela Apple, não teve como não embarcar na série", contou

Kurt Russell.

Além disso, o consagrado ator disse que pesou muito em sua decisão de embarcar no projeto a qualidade do elenco.

"Quando surgiu a oportunidade de trabalhar junto com meu filho, entendi que era um trabalho que não podia deixar passar, porque talvez nunca mais tivesse a chance de fazer algo parecido. E ao começar as gravações, fui surpreendido por esse grande elenco. Esses atores são geniais! Quando você entra em um projeto, é com esse tipo de elenco que queremos trabalhar, porque são profissionais muito bons, são pessoas muito boas. Eu aprendo muito mais com eles do que eles comigo. Eles trazem muito mais coisas boas para a série do que eu", concluiu Kurt Russell.

Já Wyatt Russell, que apareceu com um visual bem diferente da série, foi mais brincalhão e exaltou a possibilidade de seu personagem crescer com o desenrolar do show.

"Eu estou sempre pronto para agarrar uma chance de NÃO trabalhar com o meu pai [risos]. Mas assim que surgiu essa proposta, foi ótimo, porque a série não é sobre o Lee. Nós fazemos parte de algo muito maior [o Monsterverse], então a gente viu esse personagem como um ser vivo. E fomos evoluindo com ele ao longo das gravações. Logo no começo, conversamos para definir como o Lee seria. Afinal, não é um papel de pai e filho. Nós somos o mesmo personagem em diferentes épocas. Foi desafiador, mas também foi divertido chegar a um ponto de como ele deveria evoluir para que houvesse coerência na história", revelou Wyatt Russell.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Produção abre as comemorações dos **70 anos do Godzilla**

Divulgação

A classificação do roteiro de 'Barbie' frustrou a Warner

Oscar: 'Barbie' concorrerá como roteiro adaptado

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas classificou o filme "Barbie" como roteiro adaptado. Dessa forma, o longa da diretora Greta Gerwig concorrerá nessa categoria.

A decisão contraria a campanha da Warner Bros, estúdio responsável pelo longa, para que a obra fosse indicada na categoria de melhor ro-

teiro original. Até a decisão da academia, havia dúvidas sobre em qual categoria o longa iria concorrer.

Isso porque ele é baseado na boneca Barbie, da Mattel, mas traz elementos novos à história da personagem. Apesar disso, os membros da academia entenderam que se trata de uma obra adaptada.

Da Fazenda ao BBB

Jojo Todynho está no BBB 24. Campeã de A Fazenda 12 (Record), a cantora foi chamada pela direção do Globo para fazer parte do time de apresentadores da atração, seguindo o modelo do "Big Terapia", apresentado por Paulo Vieira na edição passada.

Viagem de volta

O canal Viva vai reprisar a novela "A Viagem" em comemoração aos 30 anos da exibição original, que ocorreu em abril de 1994. Escrita por Ivani Ribeiro, a trama tem nomes como Guilherme Fontes, Christiane Torloni e Antonio Fagundes.

Hora de voltar

Após sofrer infarto no dia 29, logo após comandar o SP2 (Globo) e ficar uma semana no hospital, o jornalista José Roberto Burnier recebeu alta. Ele confirmou que se sente bem e já projeta seu retorno ao trabalho. "Voltarei no dia 15", avisou.

Frango malhado

Daniel Dalcin, que protagonizou a temporada 2009 de "Malhação" (Globo), hoje vende frango assado. Ele se manifestou após Daniel Erthal viralizar como vendedor ambulante em Copacabana. Ao deixar a Globo, passou a trabalhar numa loja de roupas.

Mesmo se tratando de uma série para TV, 'Monarch – Legado de Monstros' contou com um alto orçamento, o que reflete não apenas no Godzilla, que tem algumas de suas aparições no passado reveladas, mas também nos novos monstros que integram esse universo. É cada criatura mais criativa que a outra, o que rendeu aos produtores um desafio ainda maior: deixar a trama interessante sem depender só dos monstros.

O showrunner da série, Chris Black, disse que a chave para uma boa produção de monstros gigantes é justamente entender e desenvolver o elenco humano e seus dramas.

"Trabalhar os personagens humanos foi a parte mais importante para a série funcionar. Por mais incríveis que sejam esses monstros – e eles são, nós entendemos que as pessoas não ligariam a TV toda semana para assistir o Godzilla chutando um prédio ou algo do tipo por uma hora. Desenvolver as questões humanas foi nosso trabalho de máxima prioridade [...] Mas também só conseguimos contar a história desse universo de monstros nas telinhas porque tivemos apoio da Apple. Tivemos o desafio de retratar essas criaturas fantásticas sem fazer que parecessem ameaças baratas, enquanto desenvolvíamos um núcleo humano que conseguisse ser extremamente interessante, mesmo diante desses monstros. Foi um prazer ver esses personagens evoluindo", afirmou Chris Black.

'Monarch – Legado de Monstros' termina agora em janeiro de 2024. É a primeira produção do ano relacionada ao Godzilla, que completa impressionantes 70 anos de criação. Lançado em 1954 pela Toho, o Rei dos Monstros foi criado por Tomoyuki Tanaka, Ishiro

Fotos Divulgação/ Apple TV+



Wyatt Russell interpreta Lee Shaw, um militar da década de 50, que acaba se envolvendo com cientistas que caçam monstros lendários.



Já em 2015, Kurt Russell dá vida a Lee Shaw, um ex-militar que sabe todos os segredos da Monarch

Honda e Eiji Tsuburaya, como uma metáfora aos horrores da Segunda Guerra Mundial e sua abominável bomba atômica. Desde então, ele já foi retratado em mais de 30 produções e agora segue como um dos personagens mais rentáveis do cinema norte-americano, sendo o grande astro do Monsterverse.

Nesse universo, por trás da aparição dos monstros, sempre há a presença da Monarch, que é a grande estrela da série. Quando pergun-

tado se a organização, no fim das contas, é boa ou má para o mundo, Kurt Russell foi sincero.

"Essa pergunta nos enlouqueceu por cinco meses, durante as gravações. A gente não sabe se a Monarch é boa ou ruim, só sabemos que ela está lá. E esse é o grande ponto da série".

Os episódios de 'Monarch – Legado de Monstros' são lançados toda sexta-feira, exclusivamente no streaming 'Apple TV+'.

Por Matheus Rocha (Folhapress)

O segundo domingo de 2023 amanheceu preguiçoso na capital do Brasil. Naquele dia, não se ouvia o habitual burburinho dos funcionários públicos, mas o silêncio de prédios praticamente vazios. A partir das duas da tarde, a quietude deu lugar à desordem. Apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro vestidos de verde e amarelo entraram em confronto com a polícia, invadiram a Esplanada dos Ministérios e levaram vandalismo à praça dos Três Poderes. Captadas por câmeras de segurança, essas imagens são o fio condutor do documentário “Domingo no Golpe”, dirigido pela pesquisadora Giselle Beiguelman e pelo cineasta Lucas Bambozzi.

Uma prévia de nove minutos da obra será lançada nesta segunda-feira (8) no site do Museu da Democracia para marcar um ano do ataque. Em março, uma versão estendida chegará ao público no contexto dos 60 anos do golpe militar.

Beiguelman afirma que a ideia de fazer o documentário surgiu quando o GSI, o Gabinete de Segurança Institucional, disponibilizou quase 800 horas de gravação com registros da ação dos golpistas. Como ela coordena o projeto Acervos Digitais e Pesquisa, decidiu baixar os materiais para analisar tudo. “Percebi que aquilo rendia um documentário, porque estamos discutindo no projeto onde estão a memória e os arquivos na contemporaneidade e como esse acervo é distribuído”, diz Beiguelman, que é artista e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

A produção usa imagens de câmeras de vigilância porque elas são o testemunho oficial do que aconteceu naquele dia. Os registros, que seriam descartados depois de algumas semanas, se tornaram documentos históricos.

A capital que se vê no documentário não é a da imponência modernista das construções de Niemeyer, mas aquela da banalidade dos subsolos e corredores de repartições públicas. “Os registros re-



Uma prévia do filme, com nove minutos de duração, será lançada nesta segunda-feira (8) no site do Museu da Democracia, marcando um ano dos acontecimentos em Brasília

Democracia acossada

Documentário reconstrói os ataques de 8 de janeiro por meio câmeras de segurança

velam pontos de vista sobre Brasília que, para mim, eram inéditos. São imagens que fogem completamente da lógica monumental que se tem sobre essa região”, diz Beiguelman. “A multidão aparece e muda completamente a paisagem, que se torna desfigurada”.

Lucas Bambozzi, codiretor, diz que os registros dialogam com um gênero conhecido como sinfonias de metrópole, isto é, obras que exploram o cotidiano das cidades. Exemplos dessa linguagem são filmes como “Manhatta”, de Paul Strand, e “São Paulo, Sinfonia da Metrópole”, de Adalberto Kemeny

e Rodolfo Lustig. “As câmeras de vigilância capturam também a euforia da multidão. Esses atos se transformaram em uma espécie de domingo no parque para essas pessoas. As câmeras permitem ver, sobretudo, as nuances e os gestos que se deram ali.”

Um espectador mais atento notará a quase onipresença de celulares nas mãos dos golpistas. Em meio ao ataque, eles tiravam selfies e transmitiam ao vivo os atos de vandalismo, a despeito de estarem produzindo provas contra si mesmos. “É uma compulsão pela documentação. Qualquer tomada que aparecia tinha gente carregando a bateria do aparelho”, diz Beiguelman.

Chama atenção também que a sanha destrutiva dos invasores tenha sido direcionada a obras de arte. Ao todo, 78 peças foram danificadas no Congresso, sendo 14 no Senado e 64 na Câmara dos Deputados. Foram depredados trabalhos de artistas como Victor Brecheret,

Athos Bulcão, Emiliano Di Cavalcanti e Frans Krajcberg. Os vândalos até urinaram sobre uma tapeçaria de Burle Marx.

Para a artista, a cultura é o território da liberdade, contradição e multiplicidade, tripé que governos autoritários tentam demolir depois que chegam ao poder. Foi isso o que fez Bolsonaro quando decidiu reduzir o Ministério da Cultura a uma secretaria especial, conduzida de forma errática ao longo do mandato.

Mas as câmeras registraram mais do que os golpistas. Elas flagraram a força e a fragilidade da democracia, afirma Beiguelman. Ela considera que, desde a redemocratização, a democracia era vista como um sistema inabalável, mas que foi desafiado com os ataques golpistas.

“Por outro lado, o modo como colocaram rapidamente aquilo tudo em ordem novamente é um indicador de que não é tão fácil demolir uma construção que vem

se fazendo desde meados dos anos 1980”, afirma.

O documentário é entremeado por locuções da senadora Eliziane Gama (PSD) retiradas do relatório final da CPI dos atos golpistas. Num desses momentos, ela diz que o dia 8 de janeiro de 2023 ainda não terminou. A artista acrescenta que “o 8 de janeiro começou antes do 8 de janeiro”. Para ela, a data é o efeito mais violento de um movimento de afronta às instituições que começou a ser gestado muito antes, desde a votação na Câmara do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. Não à toa, essa é a cena que abre o documentário.

À época, os parlamentares foram criticados em razão de seus argumentos. Alguns disseram que estavam votando pela família, outros usavam Deus para embasar o voto. Bolsonaro, por exemplo, aproveitou o momento para exaltar a figura do coronel Brilhante Ustra, um símbolo da repressão durante a ditadura militar.

É como se a falta de decoro vista durante essa sessão tivesse se exacerbado no 8 de janeiro, resultando nas cenas de vandalismo. “Não é porque é público que você pode ir lá e fazer o que você quiser. É exatamente por se público que esse ambiente é negociado, princípio que é um dos pilares da compreensão sobre o que é a democracia.”

Cineasta sérvio ganhador de duas Palmas de Ouro comanda festival multimídia em seu país

A micareta cinéfila de Emir Kusturica

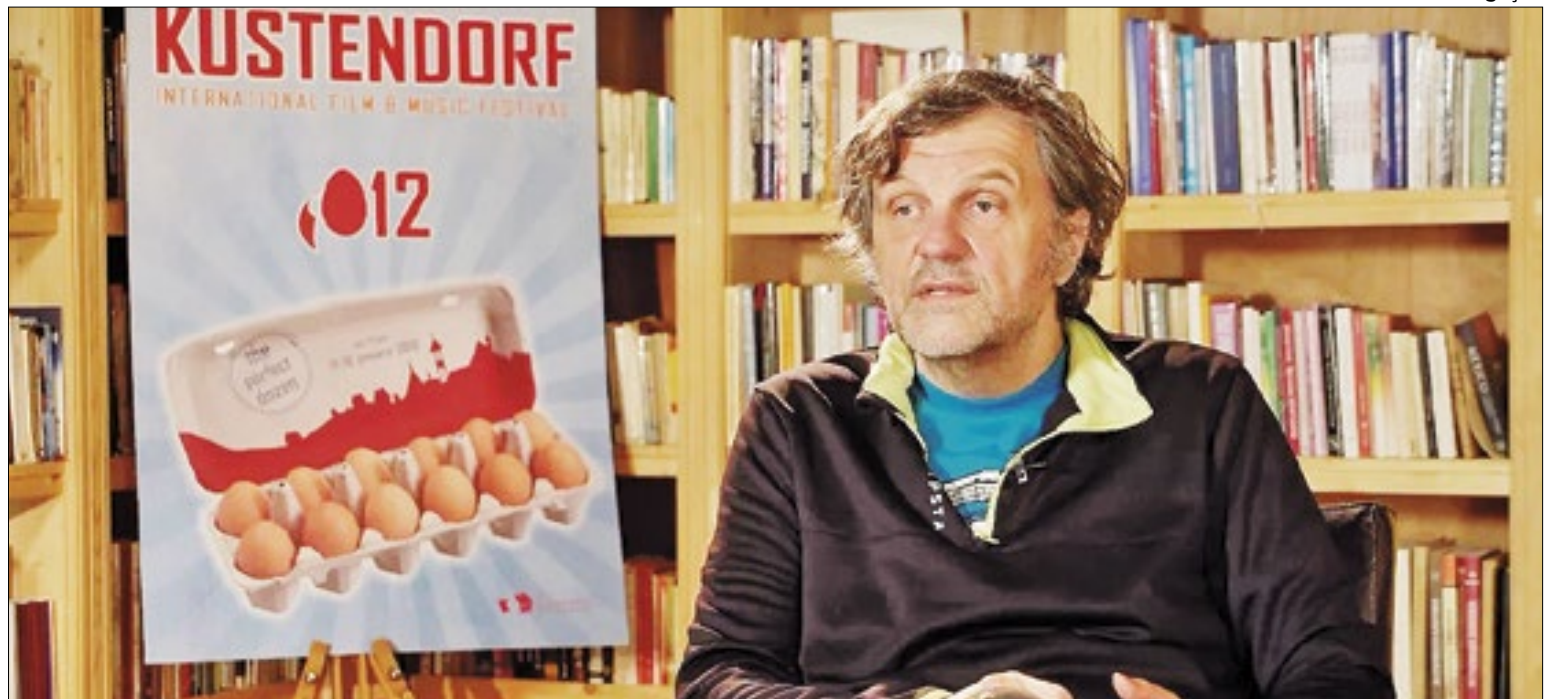
Divulgação

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Longe das telas desde 2018, quando lançou um documentário sobre o líder uruguaio Pepe Mujica, o realizador sérvio Emir Kusturica desenvolveu o costume de abrir cada ano com sua agenda lota de atividades – todas ligadas a uma espécie de micareta audiovisual. Ele criou um evento muito particular em sua pátria, na região de Mokra Gora: o Küstendorf International Film and Music Festival.

Serão anunciadas ao longo desta semana as atrações musicais e cinematográficas da edição número 17 dessa mistura de mostra de filmes com shows e debates sobre artes. Matteo Garrone, cineasta laureado no último Festival de Veneza por “Io, Capitano” (“Eu, Capitão”), é um dos convidados de honra.

Grife autoral no cinema independente, Kusturica é músico, integrando a banda The No Smoking Orchestra. Como diretor, foi condecorado com duas Palmas de Ouro de Cannes, dadas a ele por



Emir Kusturica: ‘A inércia do mundo em relação à História é algo que me assusta’

“Quando Papai Saiu Em Viagem De Negócios” (1985) e por “Underground – Mentiras de Guerra” (1995).

“O cinema das Américas foi fundamental para a construção do meu olhar, uma vez que a minha cabeça foi muito influenciada pela Nova Hollywood, num período dos anos 1970 em que filmes inquietos davam bilheteria, sem fazer concessões para agradar. “Taxi Dri-

ver’ revelou muito para a minha geração sobre as possibilidades das narrativas. Mas a minha cabeça também foi influenciada pela vodca”, confessou o cineasta ao Correio da Manhã, ao lançar seu documentário sobre o carismático líder político uruguaio antes da pandemia.

Em 2008, ele citou o futebol brasileiro, mas de maneira jocosa, no documentário “Maradona por Kusturica”, lançado no Festival

de Cannes com enorme sucesso. “Aquele argentino deu ao esporte alguns dos dribles mais bonitos que o mundo jamais viu”, disse o cineasta, que esteve ao lado de Bárbara Paz há uma década no lançamento do longa em episódios “Words With Gods”, no qual divide os créditos com Hector Babenco (1946-2016). “Cada filme que faço deve ser uma resposta ao mundo ao meu redor”.

Famoso por filmes como “Gato Preto, Gato Branco” (1998), pelo qual ele recebeu o prêmio de melhor direção em Veneza, ele tocou na Marina da Glória em 2017, no Mímo Festival.

“A inércia do mundo, em relação à História, é algo que me assusta, mas a arte a desafia”, disse o diretor, que encantou o Festival de Veneza, em 2017, com “Na Via Láctea”, sua última ficção até agora.

As irmãs levam o Brasil aos cinemas

Ellen Soares/Divulgação



Tatá Werneck, Arlete Salles e Ingrid Guimarães em cena

A comédia “Minha Irmã e Eu”, dirigida por Susana Garcia (“Minha Mãe é Uma Peça 3”, “Minha Vida em Marte”) e protagonizada por Ingrid Guimarães e Tatá Werneck, é a melhor estreia de um filme brasileiro em 2023. O longa estreou no dia 28 em 1.017 salas de cinema em todo o país e já soma mais de 540 mil espectadores e uma arrecadação que ultrapassa os R\$ 10 milhões.

No filme, Ingrid e Tatá vivem as irmãs Mirian e Mirelly, que nasceram no interior de Goiás. Elas não realizaram o sonho da mãe, Dona Márcia (Arlete Salles), de se tornarem uma dupla sertaneja e seguiram caminhos opostos na vida. Mirian nunca saiu da cidade natal e se acostumou à rotina pacata do interior. Ela vive em função dos cuidados com a família. Já Mirelly ostenta uma vida gla-

murosa nas redes sociais ao lado de amigos famosos, como Lázaro Ramos e Iza. Mas, na verdade, ela esconde que está com todas as contas apertado e trabalha como cuidadora dos animais de estimação das celebridades.

A produção conta com a participação de artistas convidados, entre eles Iza, Leandro Lima, Marcelo Laham, Lázaro Ramos, Taís Araújo, entre outros.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Com pré-estreias inchadas de gente – sobretudo crianças – no feriadão do réveillon, “Patos” (“Migration”) é um hilariante ensaio dos estúdios franceses (hoje importado por Hollywood) Illumination sobre a vida em família, com direção de Benjamin Renner e Guylo Homsy e a bem-humorada performance de Kumail Nanjiani e Elizabeth Banks nas vozes centrais. Aqui, Sérgio Stern e Priscila Amorim assume a dublagem dos personagens, angariando fãs para a história de uma família de patinhos que decide imigrar para a Jamaica, arriscando-se entre cozinheiros de mau coração e o trânsito da cidade grande. A grife por trás do longa fintou a hegemonia da Disney/Pixar e da DreamWorks (de “Shrek”) com as franquias irmãs “Meu Malvado Favorito” e “Minions”. O êxito dessa produção dá brecha para uma leva de potenciais campeões animados de arrecadação, inclusive brasileiros. Confira quem vem animar o ano:

BIZARROS PEIXES DAS FOSSAS ABISSAIS, de Marão (Brasil): Walt Disney de Nilópolis, tratado com reverência por seu empenho para aglutinar cineastas do mundo todo que invistam na arte de animar, o diretor de “Até a China” (2015) lança em janeiro seu primeiro longa-metragem. Nele, Natália Lage empresta a voz para uma super-heroína cuja região glútea se transforma num símio gigante. Ela luta contra o Mal com o apoio de uma tartaruga que não para de xingar e de uma nuvem com incontinência pluviométrica.

ROBOT DREAMS, de Pablo Berger (Espanha): Ímã de lágrimas em Cannes, esta animação do realizador de “Blancanieves” se encontra nas estações do ano em que o cão de vida vazia inspirado em Hoffman quebra sua inércia emocional depois de comprar um robô (dotado de



Patos

O mar tá pra ‘Patos’

Cinema de animação arranca com a produção franco-americana da Illumination, abrindo espaço para filmes que furam o eixo Disney ou DreamWorks



Nobi



Pashmina

inteligência artificial) para ser seu companheiro de dia a dia. A trilha sonora, com direito a “September”, do Earth Wind & Fire embala a construção do relacionamento deles.



Robot Dreams



A Arca de Noé

PASHMINA, de Gurinder Chadha (Reino Unido): Nascida no Quênia, a cineasta inglesa de origem indiana, conhecida por sucessos como “A Música da Minha Vida” (2019) aposta no lirismo

para narrar o périplo de uma adolescente pra descobrir sua ancestralidade a partir de um cachecol. Sua narrativa é baseada em HQ homônima de Nidhi Chanani.

A ARCA DE NOÉ, de Sergio Machado (Brasil): Produzido por Walter Salles e pelos irmãos Caio e Fabiano Gullane, o novo trabalho do realizador de “Cidade Baixa” (2005) resgata, como longa de animação, os sonetos de Vinícius de Moares, outrora transformados em espetáculo musical, agora na forma de aventura. Nela, um trio de ratos (com as vozes de Alice Braga, Rodrigo Santoro e do já citado Noé) lutam para escapar do dilúvio.

THE ISLAND, de Anca Damian (Romênia): Exibido e aplaudido no Festival de Roterdã, na Holanda, em janeiro, o novo longa da diretora de “A Fantástica Viagem de Marona” (2019) faz troça com o colonialismo da narrativa do romance “Robinson Crusoe” (1719), escrito por Daniel Defoe (1660 – 1731) numa estrutura de hiper super colorida de musical. Psicodélico, o longa mostra Crusoe como um médico, que vive agarrado a seu iPad. Ao chegar numa ilha, ele trama amizade com Sexta-Feira, um refugiado - o único que sobreviveu depois de seu barco ter virado no Mar Mediterrâneo.

DORAEMON: NOBITA'S EARTH SYMPHONY, de Kazuaki Imai (Japão): Lá se vão 21 anos desde que “A Viagem de Chihiro” deu a Hayao Miyazaki o Urso, consagrando a animação nipônica. Agora, o segmento mais rentável da indústria audiovisual asiática pode voltar ao festival com a saga do gato robótico, chamado Doraemon, que voltou dois séculos no passado para ajudar um estudante desastrado, o guri Nobita Nobi, a se socializar. No novo filme derivado das HQs de do Fujiko F. Fujio, Nobi trava novas amizades numa seara de perigos.

GILGAMESH, de Tomas Lipgot (Argentina): Uma releitura em 3D do mito sumeriano, com foco na luta de um rei da Mesopotâmia para encontrar a imortalidade, cercado de inimigos por onde passa. Promete ser um divisor de águas na animação da América do Sul.

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE DE FILOSOFIA

Papo com Platão

Encontrar pessoas é encontrar palavras. Quando eu soube de que um grego secular estaria nos trópicos, marquei um encontro num lugar ideal para contemplar o Rio de Janeiro: Gragoatá, Niterói. O grego: Platão. Ficamos no quiosque 2 Irmãos. Entre um petisco e outro, perguntei a razão de estar no Brasil.

Platão – Vim expor sobre o fenômeno do vírus.

Mas o senhor é filósofo.

Platão – Na condição de filósofo, como penso o ser, pergunto: o que é o vírus? Não sou quem descobre a vacina contra o vírus. Uma vez pensado o ser, aí podemos entender o que pode a natureza viral. Não sei se você leu “Timeu”, mas eu digo no livro que phýsis – em português, natureza – aparenta ser estável, mas é objeto errante, pois, ao darmos um nome a esse objeto, ele já é outra coisa, ou seja, sem deixar de ser ele mesmo, ele é outro. Eu amplio a compreensão disso em “O sofista”, no qual podemos chamar de potência do falso.

A desorganização mundial é consequência do falso?

Platão – Sim.

Fale mais.

Platão – Aquilo que é outro sem deixar de ser ele mesmo marca o que é falso. O problema é que a ideia de falso que o jornalismo propaga no mundo é herança de Aristóteles, aluno meu que pensou o falso conforme a lógica modal por meio da tabela “verdade e falso”. A lógica modal é lógica binária e, por isso, a verdade exclui o falso e o falso, a verdade.

Mas não é isso?

Platão – Se formos pelo caminho da lógica modal, mas a vida não se reduz a essa lógica, onde ver-

dade e falso separam-se. Para além dessa lógica, para além de a verdade ser igual a ela mesma ou para além de $A = A$, existe uma lógica em que $A! = A$, ou seja, eu sou diferente de mim mesmo, mas sem deixar de ser diferente de mim mesmo.

É o caso do vírus.

Platão – Correto, o vírus é ele mesmo, sendo outro.

Estamos diante da questão da falta de identidade, pois, como o vírus não para de ser outro sem deixar de ser o mesmo, ele sempre escapa ao ser, ao que é. É preciso, então, pará-lo.

Platão – A velocidade do objeto errante é diminuída quando a ciência (des)cobre a vacina, a mutação viral fica suspensa por algum tempo, até a próxima mutação, por isso a importância de atualizar a vacina, o que a ciência faz.

Um filósofo pensou o vírus como potência do falso. E chegou ao máximo em “O Sofista”.

Platão – O falso foi pensado, primeiro, por mim, Nietzsche pensou depois, Deleuze depois de Nietzsche. Os dois me ampliaram. Digo com isso que o falso, para muito além de Aristóteles, atravessou séculos e séculos, mas permanece incompreendido por professores de História, de Sociologia e até de Filosofia.

Incompreendido?

Platão – Sou mal lido no Brasil, me fixaram como filósofo das Ideias.

Quando volta à Grécia?

Platão – Para ser compreendido, vou ficar.

E a saideira?

Platão – Um brinde a inquietantes livros!

Divulgação



Tina e Ian se conheceram na cena musical londrina

Hate Moss inicia turnê sul-americana

Dupla ítalo-brasileira está divulgando as canções de ‘NaN’, segundo álbum do grupo

Dupla ítalo-brasileira formada por Tina (vocal e eletrônica) e Ian (vocal e bateria), a Hate Moss iniciou sábado (6) em Brasília a turnê 2024. A banda faz um som experimental

unindo punk, eletrônico e rock alternativo. Depois da capital federal, eles chegam ao Rio na próxima sexta-feira (12) para uma apresentação no Escritório (Rua da Constituição, 64). No repertório, as canções de seu segundo álbum, “NaN”.

Em seguida, a turnê passa por São Paulo, Piracicaba (SP), Florianópolis, Montevideu, Buenos Aires, Mendoza, La Planta, Santiago, Valparaíso e Chillán.

Os membros da Hate Moss se conheceram em Londres em 2017 e fundaram o selo independente Stock-a Records, que depois se transformou no coletivo Stock-a Production, focado em apoiar artistas emergentes.

O álbum de estreia, “Live Two-thousandhatein”, lançado em maio de 2019, os levou a se apresentar em diversos países e festivais internacionais, como a Bienal de Veneza e o Festival Locomotiva e o Goiânia Noise, no Brasil. Durante o verão de 2020, devido à pandemia e ao Brexit, a banda retornou à Itália para se concentrar em seu novo álbum, lançado no ano passado.

“NaN” utiliza diversas texturas sonoras para explorar a alienação na sociedade moderna. Gravado no Reino Unido, Itália e Turquia, o disco já está disponível em plataformas digitais. O título “NaN” (Not a Number) é uma referência ao tema principal do trabalho, que aborda a indiferença decorrente da tendência de tratar a vida humana como um cálculo impessoal.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

A estreia de Nayssa, dos EUA para o Brasil

Divulgação



“What’s The Matter” é o 1º single da Nayssa, cantora e compositora brasileira nascida nos EUA. De gênero Pop Dance, a canção fala de como vivemos sob o constante julgamento dos outros e comentários sobre a aparência, e evidencia o quanto é importante buscar ser forte, empoderado, elevar a autoestima para que nada consiga abalar. “What’s The Matter” é o primeiro single de um álbum de sete músicas, que será lançado em 2024.

Novas sonoridades vindas do Ceará

Divulgação



Um som que é puro Ceará! A cantora Luiza Nobel aposta tudo em seu novo feat, “Bailante A2”, produzido pelo beatmaker Jess no Beat, que chega às plataformas digitais e anuncia a temporada de lançamentos musicais cearenses de 2024. O clipe pode ser conferido no canal da artista no Youtube e conta com a participação do multiartista “Mateus Fazeno Rock”. A canção evidencia a cultura do “A2 cearense” e a mistura musical e estética contemporânea no estado.

Por Leonardo Lichote (Folhapress)

Assim que seu disco com canções inéditas de Nei Lopes ficou pronto, Fabiana Cozza repetiu o ritual já feito em trabalhos anteriores: mandou-o para o amigo e escritor Marcelino Freire, esperando que ele sugerisse um título. “Quando ele ouviu, disse que o nome do disco era - Urucungo -, o nome de uma das canções”, diz a cantora. “Quando expliquei a ele que urucungo é um dos nomes do berimbau, ele respondeu: ‘É isso, esse disco é um chamamento, uma convocação’. Nada como um poeta”, admite.

A ideia de “convocação” atrelada a um disco de samba que tem como espinha dorsal canções românticas de Nei, segundo Fabiana, pode parecer imprecisa. Há a presença de algumas faixas que justificariam esse viés mais marcadamente político.

Uma delas é a própria “Urucungo”, parceria de Nei com Marcelo Menezes, um jongo que aponta para raízes da tradição negra em solo brasileiro - e para além dele, no solo africano.

Outra é “Dia de Glória”, da histórica parceria de Nei com Wilson Moreira. Ela abre o disco num dueto de Fabiana com Leci Brandão. A letra imagina um futuro, sintetizado no título, no qual “negro não vai ser rei só no Carnaval”.

“É uma utopia que vem sendo colocada na rua pelos movimentos negros há tempos, mas que na letra usa o Carnaval como metáfora. A utopia do Carnaval real, como diz um dos versos”, afirma Fabiana.

A presença de Leci nesse contexto incorpora também o que a cantora mangueirense simboliza. “Para conquistarmos nossos direitos precisamos trazer quem já está lutando há muito mais tempo”, diz ela, que fez questão de cantar no tom de Leci. “Porque ali é uma Nanã, uma velha senhora dizendo calmamente, com toda a educação, como é que tem que ser feito.”

O chamamento no álbum vai além dessas canções. A desilusão amorosa aparece em “Senhora do Mundo”, outra música de Wilson e Nei, numa oração a Iemanjá, introduzida pelo barulho da água e dos tambores.

Outras canções que falam de amor, como “Ré Sol Si Ré”, também da dupla de compositores, ou “Já Não Manda em Mim” - de Ivan Lins, Vitor Martins e Nei - ou “Ofertório”, parceria com Francis Hime, trazem na letra, na melodia e nos arranjos a sabedoria profunda, gigante, sensível e maliciosa da tradição do samba. Sabedoria que ecoa como a convocação de um berimbau.

Na visão de Fabiana, Nei encarna esse



‘No samba ninguém cancela ninguém’

Fabiana Cozza lança ‘Urucungo’, álbum com canções inéditas do mestre Nei Lopes



Fabiana Cozza reúne canções românticas de Nei Lopes sem abrir mão daquelas que falam da resistência do povo preto como ‘Urucungo’, a faixa que dá nome ao álbum

chamamento em sua produção como compositor, romancista, poeta, dicionarista, enfim, de pensador único, que trafega com desenvoltura nas quadras de escola de samba e na academia.

“Vejo muita gente hoje se intitulado multiartista. Mas esse conceito se esvazia frente a Nei Lopes, frente à profundidade de sua construção. É preciso de tempo para ser um Nei Lopes”, diz a cantora.

A cantora chama a atenção para o que define como “força civilizatória do samba”. “Quando eu, como cantora popular, me deparei com compositores como Nei e Dona Ivone Lara, penso: eu preciso me munir disso aqui. Porque me vejo nesse país, esse foi o único país possível para mim, para o meu pai. O país de Nei Lopes, Wilson Moreira, Dona Ivone, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra, Carmen Costa, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Djavan. Como Pixinguinha não é matéria das escolas?”

“Urucungo” traz um painel diversificado de parceiros de Nei. Além dos citados, estão lá os compositores Fátima Guedes, Guinga, Dauro do Salgueiro, Reginaldo Bessa e Eversson Pessoa. Guinga participa do disco também com voz e violão na sua “Jurutaí”. Estão também entre os convidados as cantoras Leci

Brandão e Ilessi, o parceiro Francis Hime e o violonista João Camarero, além do próprio Nei.

Fabiana louva a todos, mas faz uma menção especial a Ilessi, convidada em “Alquimias”. “É assustador o que ela canta. Pedi um improviso a ela, que cantou mostrando uma compreensão total do que Dona Ivone fez. Convivi com Dona Ivone, conheço sua obra, mas não sei fazer aquilo”.

Fabiana pensa “Urucungo” também à luz da polêmica que envolveu seu nome há cinco anos. Na ocasião, apontaram que ela era clara demais para viver Dona Ivone num musical, o que a levou a renunciar o papel. “No samba ninguém quer cancelar ninguém. Naquele momento, o samba me acolheu. Só voltei à vida e ao meu corpo porque a turma do samba me chamou”, lembra.

Ela também menciona a ascensão da direita no Brasil nos últimos anos. “A ideia de fazer um disco sobre Nei Lopes representava poder respirar num tempo que estava irrespirável, poder cantar o amor numa época em que não pensávamos mais no amor”. Fabiana prefere porém, responder a pergunta inversa: “Qual o sentido de não fazer um disco como esse? Nei é um ganga, um feiticeiro, um mestre, um archote na escuridão”.

CRÍTICA / RESTAURANTE / CÂM O'N THAI FOOD

Comida asiática de verdade

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Poucas vezes, as pessoas possuem a oportunidade de achar o rumo de sua vida, começar um novo caminho de trabalho e realizar o seu sonho. A história do Câm o'n Thai Food, o melhor asiático do Premio Comer e Beber, começa quando a chef Ana Carolina Garcia resolve largar a vida corporativa e ir para Austrália. Lá faz o Cordon Bleu.

A casa nasceu na Barra e hoje tem linda filial em Botafogo, com ambiência natural. Deixamo-nos levar pela craque em sabores da Ásia, a jornalista Isabela Lindote, querida assessora da casa. A chef Amanda Marques nos contou dos molhos, currys,

todos feitos cuidadosamente na casa, o que dá a todos os pratos e drinques sabores surpreendentes, que misturam, com acerto, o salgado, o doce, a picância.

Abrimos o trabalho com Hanoi (gin, mix de tangerina e limão com tônica de gengibre), refrescante para acompanhar Wontons de porco, massas fritas, recheadas com copalombo e temperos tailandeses, servidos com molho sweet chili artesanal. A crocância da fritura é perfeita, seca, sem resquício de óleo. O bao de frango Satay, meu favorito. O pãozinho macio, recheado de sobrecoxa de frango marinada, molho de amendoim picante. Sem medo de ser feliz.

Os principais acompanhamos com ginger ale. O Pad Thai, clássico



Divulgação

Pad Thai, Nasi Goreng e Drunken Noodles

mais popular, veio com a gema do ovo perfeita, que se mistura o arroz jasmim, frito na wok, com o carne, os pickles. Uma maravilha. Depois, king pad thai, macarrão de arroz com frutos do mar e rede de ovos por cima. Todos os ingredientes fundamentais, macarrão de arroz, a pasta de tamarindo concentrada, o nam pla (fermentado de peixe que substitui o sal nas receitas), o açúcar de palmeira e o arroz jasmim são importados da Tailândia.

Para completar a maravilhosa e criativa mousse de tamarindo com ganache de chocolate branco e crocante de amendoim e o Bloody Thai (vodka, bloody thai mix e suco de limão) que fizeram concordar que o Prêmio é absolutamente justo.

SERVIÇO

CÂM O'N THAI FOOD

Rua Visconde de Caravelas 111, Humaitá | Terça a sábado (12h às 23h) e domingos (12h às 16h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Cobertura farta

Plínio Alves morou 10 anos nos EUA e abriu em Copacabana a Plinius Pizzeria NY Style. Mais de 30 sabores de pizza com massa, com borda crocante, sem economia nos recheios, como molho de tomates marzано, os melhores. Sucessos como a 50Cent (de pepperoni com linguiça artesanal e mussarela especial; Adam Sandler (almôndegas artesanais de picanha, feitas pelo chef, mussarela especial e manjeriçao fresco) estão no cardápio com calabresa, marguerita, pizzas doces, pãozinhos e calzone. Fica a dica. @pliniuspizzeria

Divulgação



Divulgação



Prosa na Cozinha

É muito bom cozinhar. A experiência ancestral é para si próprio, amigos, parentes, fazer amigos, desfazer inimizades. Os cursos da Prosa na Cozinha já são uma tradição, com Manu Zappa, que trabalhou no Hilton de Londres. Para o verão são receitas de sopas, camarão, saladas, porco, comida marroquina e pratos do mar. Os ingredientes são dos melhores produtores da rede de Manu. As aulas, em volta do fogão, em clima descontraído e informal e, ao final, tudo é saboreado. As aulas acontecem na Rua Alberto Ribeiro 26, no Horto. 3449-1002 ou @manoelazappa

Divulgação



Invadindo a praia

O famoso Baleia Rooftop de SP, versão Baleia's Rio, está encostado na Baía de Guanabara, ao lado do Assador's Rio, com pegada mediterrânea, sob o comando do chefe Bruno Barros, comidas e drinques para beliscar e compartilhar como as croquetas de Jamon e Bacalhau; a tabua de Pata Negra fatiado com pão e tomate ralado; Ceviche Tropical, com peixe do dia, cebola, coentro, leite de tigre de caju e pedaços de caju, a vieira em texturas (Re a Bruschetta de lagosta com aioli de pimenta, limão siciliano, gengibre e manjeriçao. A vista do Pão de Açúcar é brinde.